

Economistas acham que saída

Paulo Nicoliella

omia

quinta-feira, 29/11/90 □ 1º caderno □ 5

é o entendimento nacional

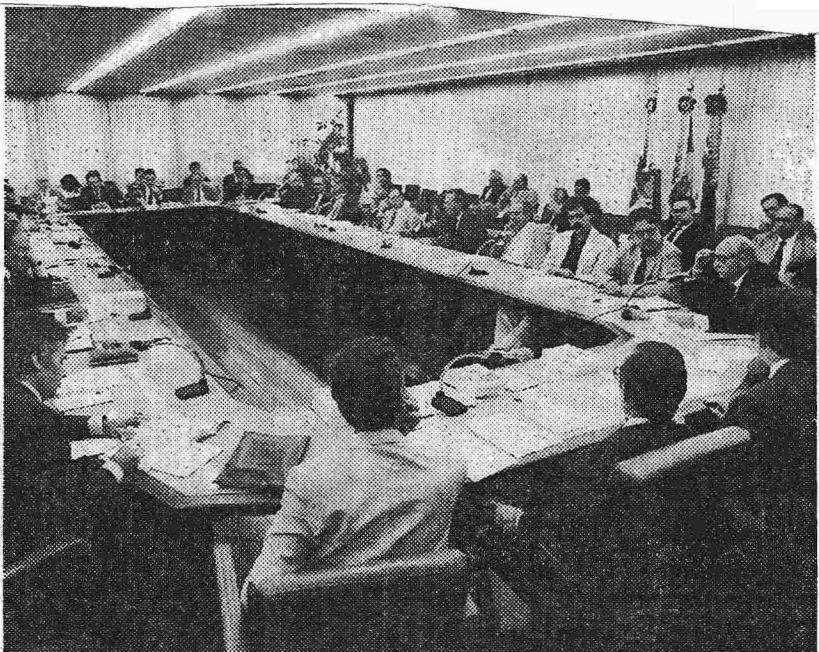
Carla Rodrigues

Reunir em torno de uma mesa mais de trinta debatedores — entre economistas de escolas diferentes e cientistas políticos de várias tendências — e arrancar unanimidade destes participantes não é tarefa fácil. Durante todo o dia de ontem, os integrantes do III Fórum Nacional de Debates — Idéias para a Modernização do Brasil, organizado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, chegaram a um diagnóstico de consenso sobre a economia brasileira — o país está no pior dos mundos. A marcha da inflação e da recessão é inexorável, o desemprego em massa começa com as férias coletivas de dezembro — que em janeiro se transformam em demissões — e a saída passa necessariamente por um entendimento nacional amplo que seja capaz de converter numa atitude de negociação o atual isolamento político do governo.

"Estamos numa recessão aguda, provavelmente a pior da década. E chegado o momento de negociar", defendeu Reis Velloso, organizador da maratona de debates que se repete desde 1988. Até amanhã, mais de 100 participantes estarão discutindo questões nacionais em sete painéis que reúnem desde o economista do PT, Aloizio Mercadante e o presidente da CUT, Jair Meneghelli, até o ex-presidente do Banco Central do governo Figueire, Afonso Celso Pastore.

Dado este diagnóstico da crise econômica brasileira, cabe à equipe econômica afrouxar a dura política monetária que hoje pratica — tese defendida até pelo monetarista Afonso Celso Pastore — promover um profundo ajuste fiscal e uma política de rendas capaz de minimizar a recessão que se avizinha. Única voz dissonante neste discurso foi a do anfitrião e presidente do BNDES, Eduardo Modiano, que em seu discurso de abertura fez questão de enfatizar que o governo — duramente criticado ao longo do dia — já recuperou os instrumentos de política econômica e tem firme determinação e vontade política de derrubar a inflação.

Aos debatedores, pareceu pouco. Modiano deixou o plenário e embarcou para Brasília, sendo poupadão de ouvir toda sorte de críticas a condução da



Durante todo o dia, economistas discutiram a crise

política econômica. "A estagflação é o inferno zodiacal de todos os programas de estabilização", explicava o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, "mas não vejo necessidade do governo fazer este culto sado-masoquista à recessão". A parábola do inferno, purgatório e céu agradou à mesa. "Nossos pecados estão sendo cometidos há décadas e não vão ser expurgados só com meia-dúzia de padres nossos", preconizava o economista Sérgio Besserman. "Num entendimento nacional, ninguém pode aceitar o purgatório se não tiver a promessa de ir para o céu depois", lembrava Mercadante. Coube ao ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira a defesa de um congelamento curto, de dois ou três meses — "política de rendas é, na verdade, um eufemismo para congelamento de preços e salários", explicava —, desde que feito depois do mesmo entendimento nacional defendido pelos demais. Autor de um dos quatro congelamentos de preços promovidos nos últimos quatro anos, Bresser acredita que o congelamento é uma boa solução de curto prazo para um país que ainda não conseguiu estancar o processo hiperinflacionário desencadeado em 1986. "Estamos numa

aspiral inflacionária baseada na convicção dos agentes econômicos de que a inflação vai voltar", acredita.

Um dos pais do Plano Cruzado e hoje vice-presidente do Unibanco, o economista André Lara Resende, compartilhou da tese de Bresser. Crítico da atual política monetária do governo, o diagnóstico de Lara Resende foi duro com a equipe econômica. "É preciso administrar corretamente a inflação, uma alternativa que parece pouco atraente a uma equipe formada por jovens economistas de boa formação acadêmica e pouca experiência, uma combinação que traz certa arrogância".

Pastore fez coro às críticas à política monetária. "É uma política curiosa. Pára a produção, promove um desemprego profundo, agrava a recessão e não necessariamente baixa a inflação", atacou. A mesa foi surpreendida por uma estranha aliança. Ex-aluno de Pastore, o economista Aloizio Mercadante disparou: "Passei longos anos discordando, mas hoje sou forçado a concordar. A reforma monetária era o único instrumento para enfrentar uma inflação de 84% ao mês. Mas é preciso rever a política monetária que o governo pratica hoje".